

HARMONIA VOCÁLICA NO DIALETO DE BELO HORIZONTE

Marlúcia Maria Alves*

Resumo: A produção e a variação das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte são investigadas, levando em consideração os fatores linguísticos e o processo fonológico de harmonia vocálica. A variação é estudada conforme a Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY; PRINCE, 1993), modelo de análise gramatical cujos principais objetivos são estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação linguística. Foram considerados dados extraídos do corpus POBH (2000) e os resultados apontam que, em posição pretônica, é possível a ocorrência da vogal média fechada para a maioria dos casos. A vogal média aberta ou a vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte favorece o abaixamento. A vogal alta em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte favorece a elevação de modo variável. A análise, conforme a Teoria da Otimalidade, através do ranqueamento parcial de restrições mostra-se apropriada para explicar a variação no dialeto estudado porque os falantes empregam os ranqueamentos parciais de forma particular para cada caso de realização da vogal média.

Palavras-chave: Fonologia. Variação linguística. Vogais médias. Teoria da Otimalidade.

Abstract: The production and the variation of mid-height vowels in pre-stressed-syllable position in nouns spoken in the dialect of Belo Horizonte are analysed, taking into consideration linguistic factors and the phonological process of vowel harmony. Variation is also studied using Optimality Theory (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY; PRINCE, 1993), a model of analysis whose main objectives are to establish the universal properties of language and to characterize the possible constraints on linguistic variation. The data were extracted from POBH (2000) and the results reveal that in pre-stressed position the mid-high vowel occurs closed in most cases. Lowering is more likely with an open mid-high vowel or low vowel in the stressed syllable or the immediately following syllable. The high vowel in the stressed syllable or in the immediately following syllable favors raising. According to Optimality Theory the analysis shows that partial constraint ranking is appropriate for explaining the variation in the dialect studied because speakers employ partial rankings in idiosyncratic ways particular to each case in which the mid-high vowel appears.

Keywords: Phonology. Linguistic variation. Mid vowels. Optimality Theory.

* Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: marlucia.alves@gmail.com

Introdução

No português brasileiro, há vários estudos sobre as vogais médias, principalmente aqueles relacionados aos processos de harmonia vocálica. Normalmente, as pesquisas feitas procuram analisar o comportamento destas vogais em posição pretônica, uma vez que, nesta posição, há uma maior possibilidade de observação dos fenômenos fonológicos, caracterizando os dialetos próprios do português brasileiro. Bisol (1981), Callou e Leite (1986), Castro (1990), Yacovenco (1993), e Bortoni; Gomes e Malvar (1992) estudaram amplamente as vogais médias nesta posição.

Sobre o dialeto de Belo Horizonte, destaca-se o estudo feito por Viegas (1987) sobre o alçamento¹ de vogais médias em posição pretônica sob a abordagem sociolinguística. A autora observa que este fenômeno é bastante comum no português e caracteriza, em determinados casos, diferenças dialetais. A autora observa, ainda, que este fenômeno pode estar associado a um processo de harmonização vocálica, ou seja, de assimilação do traço de altura, como nos exemplos ‘m[i]nino’, ‘b[u]nito’.

Sobre a produção de vogais médias abertas em posição pretônica, Silva (2001) lista, de forma geral, as especificidades dialetais, ou mesmo de idioleto, relacionadas à ocorrência destas vogais no português brasileiro. A autora afirma que o surgimento de vogais médias abertas, [ɛ] e [ɔ], em posição pretônica somente será em formas derivadas com os sufixos “-mente, -inh, -zinh, -íssim” cujos radicais apresentam as vogais tônicas [ɛ] e [ɔ]. Palavras como ‘séria’, ‘mole’, ‘seriamente’ e ‘molinho’, serão pronunciadas por todos os falantes do português com a vogal média aberta: ‘s[ɛ]ria’, ‘m[ɔ]le’, ‘s[ɛ]riamente’ e ‘m[ɔ]linho’. Os demais casos de ocorrência destas vogais, que não apresentam estes sufixos, serão específicos de cada dialeto, ou mesmo idioleto. A autora descreve os demais ambientes para que ocorra uma vogal média aberta em posição pretônica. São eles: a) quando a vogal tônica da palavra é uma vogal média aberta, como nas palavras ‘perereca’ e ‘pororoca’, que poderão ser pronunciadas ‘p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca’ e ‘p[ɔ]r[ɔ]r[ɔ]ca’; b) sem que qualquer outra vogal média aberta ocorra na palavra como, por exemplo, beleza e gostoso, ‘b[ɛ]leza’ e ‘g[ɔ]stoso’; c) quando em posição tônica ocorre uma vogal nasal que na ortografia é marcada por “em/en” ou “om/on”, como nas palavras ‘noventa’ e ‘setembro’, que podem ser pronunciadas ‘n[ɔ]venta’ e

¹ Alguns autores, como Lee e Oliveira (2003), consideram como harmonia vocálica a assimilação do traço [alto] da vogal tônica como em ‘b[u]n[i]to’. Outros autores, como Viegas (1987), nomeiam este fenômeno como um tipo de alçamento.

‘s[ɛ]tembro’; d) quando seguida por consoante s, r ou l, que ocorre na mesma sílaba, como nas palavras ‘d[ɛ]stino’, ‘v[ɛ]rtical’ e ‘s[ɛ]lvagem’. Silva afirma também que o estudo dialetal das vogais pretônicas no português brasileiro merece ainda uma investigação detalhada.

Além dos contextos apresentados por Silva, observa-se que a vogal média aberta ocorre em posição pretônica também devido à ocorrência da vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte, como por exemplo, ‘[ɔ]rário’ e ‘r[ɛ]lação’. Desta forma, averiguar os contextos linguísticos da produção da vogal média aberta e da vogal alta é importante para entender os fatores que influenciam estas realizações mais particulares nesta posição.

Este artigo abordará principalmente os fatores linguísticos que interferem na produção da vogal média em posição pretônica, considerando os casos relacionados ao processo de harmonia vocálica e à variação estabelecida nesta posição.

Harmonia vocálica

O processo de harmonia vocálica ocorre quando há a assimilação de um ou mais traços vocálicos. Segundo Trask (1996, p. 383), a harmonia vocálica ocorre devido a um acordo em relação a um ou mais traços fonéticos. Afirma, também, que a harmonia se estabelece quando a qualidade de uma vogal é alterada para se tornar similar a outra vogal na mesma palavra fonológica.

No português brasileiro há vários estudos sobre o fenômeno da harmonia vocálica, destacando o de Bisol (1981), que estudou a variação entre as vogais médias fechadas e as vogais altas no dialeto gaúcho. O objetivo principal, em seu estudo, foi averiguar os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que eleva a vogal pretônica e verificar, através de operações matemáticas, a probabilidade de seu uso no dialeto estudado.

Segundo a autora,

a instabilidade da vogal pretônica que caracterizou o velho português deixou vestígios no português brasileiro, cujos falantes substituem variavelmente /e, o/ pelas respectivas vogais /i, u/, sob o efeito de certos condicionadores. Ex. coruja ~ curuja, menino ~ minino (BISOL, 1981, p. 29).

Bisol estudou as variantes $e \sim i$ e $o \sim u$ em posição pretônica interna em quatro comunidades sociolinguísticas diferenciadas no extremo sul do país (os metropolitanos, os italianos, os alemães e os fronteiriços) e em dois níveis culturais, a fala popular e a fala culta. Nesse estudo, foram considerados fatores linguísticos, como nasalidade, tonicidade, sufixação, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, dentre outros, e fatores extralinguísticos, como etnia, sexo, situação e idade.

Segundo a autora, a mudança de $o > u$ e de $e > i$ é uma regra variável, condicionada por múltiplos fatores, dentre os quais se destaca como o mais evidente a presença da vogal alta na sílaba imediatamente seguinte. Esta mudança nomeada por Bisol como harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva.

Os fatores que são importantes nesta regra são a vogal alta da sílaba seguinte, o caráter da vogal átona candidata à regra e a consoante vizinha.

É interessante também observar que a autora chama a atenção sobre a variação da pretônica que está sujeita à própria natureza de um fenômeno probabilístico em que a maior probabilidade de aplicação da regra e seu maior uso estão diretamente relacionados com a multiplicidade de fatores concorrentes.

Sobre a vogal média anterior, a autora afirma que a vogal [u] tem menor probabilidade do que a vogal [i] de causar a elevação de [e]. A nasalidade funciona como um fator que favorece a elevação de [e], assim como as consoantes velar precedente e seguinte e a palatal seguinte. Além disso, há algumas consoantes que tendem a preservar a vogal pretônica [e], como a alveolar precedente e seguinte e a labial precedente e seguinte.

Com relação às vogais médias posteriores, são fatores favorecedores as vogais altas [i, u], a consoante labial precedente e seguinte e a consoante velar precedente. As consoantes que favorecem o processo de harmonização vocálica são as seguintes: a labial precedente e seguinte por razões fonéticas de ordem acústica e articulatória, a velar precedente por razão fonética de ordem articulatória e a palatal seguinte por razões sincrônicas e diacrônicas. Outras consoantes tendem a preservar a vogal pretônica, como a alveolar precedente e seguinte e a palatal precedente.

Outros autores como Callou e Leite (1986), Viegas (1987) e Castro (1990) também estudaram a harmonia vocálica em dialetos específicos.

Callou e Leite (1986) estudaram as vogais médias em posição pretônica na fala culta do Rio de Janeiro. Parte do corpus do Projeto NURC/RJ² foi utilizada e os informantes possuem formação universitária. O interesse das autoras é medir a extensão da regra de harmonização vocálica e melhorar o conhecimento do sistema das vogais pretônicas falado por cariocas. Segundo as autoras, a harmonização vocálica é entendida como a elevação das vogais médias em posição pretônica por assimilação à altura das vogais tônicas [i] ou [u].

Foram analisadas cerca de três mil ocorrências e verificou-se, quanto à possibilidade de pronúncia dessas vogais em posição pretônica, o seguinte: a) vogais médias [e] e [o]; b) vogais altas [i] e [u]; c) vogais com timbre intermediário entre [e] e [i], [o] e [u]; d) vogais com timbre intermediário entre [e] e [ɛ], [o] e [ɔ], mais baixas que [e] e [o]; e) vogais com timbre aberto [ɛ] e [ɔ].

As autoras observam que o abaixamento das vogais no contexto de posição pretônica não é muito significativo.

A variedade de pronúncia encontrada nesta posição pode estar relacionada ao condicionamento que se dá no nível segmental e na constituição da sílaba, assim como pode estar relacionado a fatores suprasegmentais, tais como ritmo e velocidade de fala.

As autoras afirmam, também, que os fatores linguísticos que se mostram mais relevantes ao favorecimento da elevação das vogais médias em posição pretônica são: a) o contexto inicial da palavra, seguido de palatal; b) a posição em hiato e c) a vogal alta contígua.

Viegas (1987) estudou o alçamento das vogais médias em posição pretônica sob uma abordagem sociolinguística. O dialeto focalizado nesse estudo foi o da região metropolitana de Belo Horizonte.

A autora afirma que o alçamento de vogais médias pretônicas, ou seja, a elevação de seu traço de altura, [e] ~ [i] e [o] ~ [u], é um fenômeno bastante comum no português e caracteriza, em alguns casos, diferenças dialetais.

É importante acrescentar, ainda, que este fenômeno caracteriza diferenças de idioleto, já que o próprio falante pode alternar a pronúncia de determinadas palavras. Por exemplo, a palavra ‘moderno’ pode ser pronunciada pelo mesmo falante ora como ‘m[o]derno’, ora como ‘m[ɔ]derno’, e em casos mais específicos como ‘m[u]derno’.

² “Projeto de Estudo da Norma Urbana Lingüística Culta” que analisou a estrutura sonora das cidades: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, entre 1970 a 1978.

Viegas observa, também, que o alçamento é um fenômeno variável, pois não pode ser expresso por regras categóricas. Há uma variação que é influenciada por vários aspectos estruturais e não estruturais.

A autora considera que, inicialmente, parece ser um processo de harmonização vocálica, ou seja, há uma assimilação do traço de altura como, por exemplo, em ‘m[i]nino’ e ‘b[u]nito’. No entanto, há casos que não se enquadram nesta afirmação. Palavras como ‘m[u]leque’, ‘s[i]mestre’, ‘c[u]stela’, ‘c[u]meço’ e várias outras apresentam o alçamento de vogais médias em posição pretônica influenciado por outros fatores.

Destaca, também, que, nesta posição, [e] e [i] muitas vezes sofrem o processo de neutralização, como em ‘s[e]ria’ e ‘s[i]ria’. Também, nesta posição, há pares mínimos, que demonstram um valor distintivo, como em ‘P[e]ru’ (país) e ‘p[i]ru’ (animal).

Os resultados obtidos, em seu estudo, apontam que a variação de vogais médias em posição pretônica ocorre em ambientes que depreendem certa sistematicidade do fenômeno e, desse modo, é possível descrevê-lo por meio de uma regra fonológica variável.

A autora destaca que os ambientes que influenciam a variação de [o] ~ [u] são diferentes dos que influenciam a variação de [e] ~ [i]. Favorecem o alçamento de [o] as obstruintes precedentes e seguintes. Desfavorecem o alçamento de [o] as vogais médias posteriores em início de palavra, as nasais precedentes, a vogal média tônica e a vogal baixa tônica imediatamente seguinte.

Com relação à variação da vogal média [e], os fatores que favorecem o alçamento são as vogais médias anteriores, em início de palavra, quando em sílabas travadas; as nasais precedentes e a vogal alta imediatamente seguinte. Desfavorecem o alçamento de [e] as obstruintes seguintes, a vogal média seguinte e a vogal baixa tônica.

Com relação aos fatores não estruturais, a autora conclui que os falantes não têm total consciência do processo de alçamento e que este fenômeno é ligeiramente estigmatizado. A autora realça, também, que o alçamento de [o] está estratificado por grupo social e o do [e] por faixa etária. O alçamento de [o] tem indícios de variável estável e o de [e] tem indícios de mudança em progresso. Também, os itens lexicais podem influenciar na análise do alçamento estudado.

Sobre a variável não estrutural de estilo, a autora afirma que a elevação do traço de altura é comum no estilo informal. O alçamento não é próprio do estilo formal.

Outro aspecto abordado por Viegas é a frequência dos itens lexicais. A autora afirma que os itens mais frequentes na amostragem com ambientes favorecedores alçaram

proporcionalmente mais do que aqueles menos frequentes, também com ambientes favorecedores em qualquer estilo.

Por último, a autora destaca que a regra variável lexicalmente abrupta, relacionada aos neogramáticos, não dá conta de explicar a complexidade do processo de alçamento das vogais médias em posição pretônica. Por outro lado, os estudos referentes à difusão lexical mostram que este fenômeno se processa gradualmente através do léxico. A regra de alçamento atua sobre os itens lexicais mais frequentes em primeiro lugar. Definir essa frequência é um trabalho bastante difícil, pois se deve considerar a influência dos fatores não estruturais em relação ao léxico e a seu uso. Também, alguns itens escapam a qualquer sistematização. Assim deve-se observar a importância de cada item ter sua própria história.

Castro (1990) analisou as realizações variantes ou invariantes das vogais médias em posição pretônica do dialeto de Juiz de Fora/MG. A variedade estudada é a culta e são discutidos os processos de elevação e abaixamento documentados em sílaba inicial aberta e fechada, em junção vocabular ou não, em sílabas internas abertas ou fechadas.

Segundo a autora, a tendência geral do dialeto juizdeforano é a da preservação das vogais pretônicas fechadas, o que é característico dos falares do sul. Outro ponto importante destacado por Castro é que, em um mesmo item lexical, a alternância entre vogais médias fechadas e médias abertas é tão frequente quanto à alternância entre as médias fechadas e as altas.

Especificamente sobre as vogais abertas, a autora destaca que as vogais pretônicas têm maior possibilidade de se tornarem médias abertas no contexto de vogal média aberta contígua, como em ‘m[ɛ]tr[ɔ]pole’, do que no contexto de vogal baixa contígua, como em ‘pr[ɔ]paganda’.

Outro aspecto relevante, em seu estudo, é sobre a variação ternária, que apenas ocorre com a pretônica posterior permanente em três itens lexicais, como em ‘colega’, ‘colégio’ e ‘moderno’, com a predominância da variante [u] em ‘c[u]légio’ e ‘m[u]derno’.

Em suma, diante dos estudos apresentados acima, destacam-se alguns pontos importantes. Os trabalhos partem de uma abordagem sociolinguística da variação, ou seja, estudam uma comunidade de fala específica, considerando fatores linguísticos, como os segmentos precedentes e seguintes, e fatores extralinguísticos, como sexo, idade, escolaridade e outros. Assim, as pesquisas buscam descrever a variação das vogais médias pretônicas conforme uma determinada região, apontando os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores e desfavorecedores, principalmente relacionados à elevação da vogal média

pretônica. Com relação ao abaixamento, não há uma discussão maior sobre o assunto, já que são poucos os dados relativos à presença da vogal média aberta pretônica nas regiões sul e sudeste.

De modo geral, os falares das regiões sul e sudeste seguem o mesmo padrão quanto ao sistema vocálico, isto é, em posição pretônica há cinco fonemas, /i, e, a, o, u/. A presença das vogais médias abertas e das vogais altas, nesta posição, ocorre devido a processos fonológicos específicos, como, por exemplo, a harmonia vocálica.

O que caracteriza os falares das regiões sul e sudeste em posição pretônica é a presença da vogal média fechada. Isto ocorre devido ao processo de neutralização existente no português brasileiro nesta posição. Não há oposição distintiva entre as vogais médias fechadas e abertas e, dessa forma, apenas as vogais médias fechadas ocorrem. Contudo, nesta posição, é possível ocorrer a elevação ou o abaixamento destas vogais. A elevação das vogais médias está relacionada ao processo de harmonia vocálica, como destaca Bisol (1981). As vogais médias fechadas se tornam altas devido à vogal alta imediatamente seguinte.

Com relação ao abaixamento das vogais médias, observa-se que este assunto não é muito discutido, pois não ocorre com frequência nas regiões sul e sudeste. Apenas Castro (1991) mostra evidências de que a variação entre as vogais médias fechadas e abertas ocorre na mesma proporção da variação entre a vogal média fechada e a vogal alta no dialeto de Juiz de Fora, em determinados contextos. Os demais trabalhos preocupam-se mais com o fenômeno da elevação das vogais médias fechadas. Este fato pode ser explicado pela própria evolução histórica das vogais médias no português brasileiro.

Outro ponto a ser considerado é que, além de acontecer a variação entre a vogal média fechada, média aberta e vogal alta, verifica-se também a ocorrência de um timbre intermediário entre [e] e [i], [o] e [u], e entre [e] e [ɛ], [o] e [ɔ]. Este fato foi comprovado por Callou e Leite (1986) para os dados analisados do dialeto do Rio de Janeiro. Esta afirmação poderia sugerir que, para os outros dialetos das regiões sul e sudeste, haveria a possibilidade de também ocorrer o timbre intermediário.

Por último, é importante destacar a questão da formalidade quanto à pronúncia das palavras. Viegas (1987) afirma que a elevação do traço de altura é comum no estilo informal. O alçamento não é próprio do estilo formal. Além disso, há a questão da frequência do item lexical. Segundo a autora, os itens mais frequentes alçam mais. Esta característica também precisa ser verificada em outros dialetos.

A presente pesquisa tem, pois, como objetivo principal investigar a produção das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte e explicar a variação encontrada conforme a Teoria da Otimalidade.

Metodologia

Para o estudo da harmonia vocálica no dialeto de Belo Horizonte foram considerados os dados do corpus POBH (Magalhães, 2000), provenientes de fala culta, ou seja, aquela falada por pessoas de nível universitário. Isto não quer dizer que se trata de uma fala “correta” ou “incorreta”, apenas está sendo delimitada a área a ser analisada.

Segundo Magalhães (2000), os objetivos do projeto são a construção de um banco de dados para a pesquisa sobre a modalidade culta do português de Belo Horizonte, estabelecendo uma história do padrão sonoro do português falado neste dialeto, em diferentes gerações, e a promoção de investigações científicas sobre a modalidade falada deste dialeto.

Este corpus conta com três grupos de informantes separados por faixa etária: a) 25-35 anos, b) 36-56 anos e c) 56 anos em diante. Todos os informantes possuem formação universitária, são nascidos e criados em Belo Horizonte, sem nunca terem se afastado da cidade por mais de ano. Para cada faixa etária, foram selecionados 10 informantes, divididos em cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino.

Foram gravadas três modalidades de inquérito: a) diálogo entre dois informantes, b) diálogo entre documentador e informante e c) elocução formal. Foram feitas, no total, três horas de gravação com cada informante, perfazendo um total de 90 horas de gravação. Os dados foram gravados na cabine acústica do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, utilizando-se um gravador digital (DAT) normal e portátil.

Para a obtenção dos dados relativos à fala culta dos falantes de Belo Horizonte, foi organizado um questionário contendo várias perguntas separadas por temas, como escola, profissão, religião, família, lazer. Assim, o falante pôde se mostrar mais à vontade para falar sobre um tema ou sobre outro.

Para a presente pesquisa e a delimitação de nosso estudo, foram analisadas as realizações das vogais médias pretônicas de oito informantes, quatro homens e quatro mulheres, com formação universitária, na faixa etária de 25 a 35 anos. Com relação ao

formato de entrevista, foi preferido o diálogo entre documentador e informante. Nesta modalidade espera-se um grau de formalidade maior, devido ao ambiente em que são gravadas as informações, ou seja, em cabine acústica e com a presença de microfone, do gravador e do próprio entrevistador. Entretanto, é possível, conforme o decorrer da entrevista, encontrar um grau de formalidade menor, pois o falante pode descontraí-lo e pronunciar as palavras de modo mais “espontâneo”.

Foram ouvidas, no total, oito horas de gravação, sendo uma hora de gravação para cada informante. Foram selecionadas 4.951 ocorrências de vogais médias em posição pretônica. Os dados foram separados em dois grupos maiores, o grupo das vogais médias anteriores e o das vogais médias posteriores. Este procedimento é necessário porque o comportamento das vogais médias anteriores é diferente do das vogais médias posteriores, principalmente no que se refere à elevação da vogal média.

Em cada um destes grupos maiores, as vogais médias foram divididas em três subgrupos, conforme a sua realização: a) com o timbre fechado, como em ‘[e]ducação’, b) com o timbre aberto, ‘[ɛ]xcesso’, c) como vogal alta, ‘[i]scola’. A tendência no português brasileiro é pela realização de um grupo maior de palavras contendo a vogal média fechada.

Além disso, foram anotados os casos em que ocorreu variação em uma mesma palavra. A princípio, seria possível supor que o mesmo falante demonstraria a variação para um mesmo item lexical.

Os resultados obtidos foram analisados conforme a Teoria da Otimalidade.

Dialeto de Belo Horizonte

O dialeto de Belo Horizonte foi selecionado devido à sua complexidade quanto à realização da vogal média em posição pretônica. Nesta posição, é possível a realização da vogal média fechada, na grande maioria dos casos, da vogal média aberta e da vogal alta, em casos mais específicos. A seleção deste dialeto também se deve ao fato de não haver um estudo mais detalhado sobre os fatores linguísticos da variação destas vogais conforme uma teoria formal da linguagem, como a Teoria da Otimalidade.

Os resultados obtidos revelam que no dialeto de Belo Horizonte, a vogal em sílaba pretônica assimila os traços da vogal em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte. Neste caso, é possível relacionar dois contextos em que a harmonia vocálica acontece: a) por

condicionamento da vogal média aberta ou da vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte, como em [ɛ]xc[ɛ]sso' e '[ɔ]rário', e b) pela presença da vogal alta em sílaba tônica ou na sílaba imediatamente seguinte, 'm[i]d[i]da'.

Os fatores linguísticos favorecedores da elevação da vogal média anterior mostram que a presença da vogal alta em posição tônica é um fator que favorece a ocorrência da vogal alta em posição pretônica. Por exemplo, na palavra 'menino', a vogal alta [i] em posição tônica influencia a realização da vogal alta em posição pretônica. Desta forma, os falantes do dialeto de Belo Horizonte podem realizar a palavra 'm[i]nino'.

Quando ocorre uma vogal alta na sílaba imediatamente seguinte, a presença da vogal alta também em posição pretônica é favorecida, como, por exemplo, na palavra 's[i]g[u]rança'.

Observa-se, então, que o traço [+alto] presente na vogal alta em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte é assimilado pela vogal média pretônica, caracterizando, assim, o processo de harmonia vocálica pelo traço [alto].

Com relação aos casos de elevação da vogal média posterior, observa-se também o processo de harmonia vocálica pelo traço [alto] presente em posição tônica. As palavras 'b[u]n[i]to', 'c[u]m[i]da', 'gas[u]l[i]na' possuem a vogal alta em posição tônica, que é assimilada pela vogal média presente em posição pretônica. Assim, devido à harmonia vocálica pelo traço [alto], a vogal média pretônica torna-se uma vogal alta.

Também, com relação à presença da vogal alta na sílaba imediatamente seguinte, é possível afirmar que ocorre a harmonia vocálica pelo traço [alto]. Por exemplo, a palavra 'm[u]t[i]vações' apresenta a vogal alta em posição pretônica influenciada pela vogal alta presente na sílaba imediatamente seguinte.

Outro caso relacionado ao processo de harmonia vocálica tem por gatilho a vogal média aberta. Esta vogal, quando ocorre em posição tônica, motiva a ocorrência da vogal média aberta também em posição pretônica. A tendência é que os falantes do dialeto de Belo Horizonte pronunciem a palavra 'excesso' com a vogal média aberta também em posição pretônica, como em '[ɛ]xc[ɛ]sso'.

A vogal média anterior em posição pretônica também é realizada com o timbre aberto se ocorrer uma vogal média aberta em uma sílaba imediatamente seguinte, como na palavra 'd[ɛ]c[ɔ]r[ɛ]ba'.

Outro fato importante no que se refere à realização da vogal média aberta em posição pretônica é a sua produção devido à influência da vogal baixa presente em posição tônica ou

na sílaba imediatamente seguinte, como em ‘m[ε]rcado’ e ‘lit[ε]r[a]tura’. A vogal média em posição pretônica tende a se tornar aberta devido ao processo de harmonia vocálica. Tanto a vogal média aberta quanto a vogal baixa possuem em comum o traço [-ATR]³. É este traço que é assimilado pela vogal pretônica.

Sobre a realização da vogal média aberta posterior em posição pretônica, pode-se também afirmar que ocorre o processo de harmonia vocálica por meio do traço [-ATR]. Quando ocorre a vogal média aberta em posição tônica, a probabilidade de acontecer a vogal média aberta em posição pretônica é muito grande. As palavras ‘pr[ɔ]j[ε]to’, ‘pr[ɔ]p[ɔ]sta’ e ‘pr[ɔ]c[ε]sso’ contêm a vogal média aberta em posição tônica, que serve como gatilho para a ocorrência da vogal média aberta também em posição pretônica.

Já a presença da vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte motiva a realização da vogal média aberta em posição pretônica, como nas palavras ‘is[ɔ][a]da’, ‘[ɔ]r[a]rio’, ‘f[ɔ]rm[a]ção’ e ‘aprim[ɔ]r[a]mento’.

Portanto, sobre o processo de harmonia vocálica, verifica-se que no dialeto de Belo Horizonte há duas formas de ocorrência: a) pelo traço [alto] e b) pelo traço [-ATR]. Estes traços que acontecem em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte são assimilados pela vogal média em posição pretônica, resultando na realização da vogal alta e da vogal média aberta, respectivamente.

Na próxima seção, será apresentada a análise dos resultados conforme a teoria da otimalidade.

Teoria da Otimalidade

A Teoria da Otimalidade (doravante OT) é um modelo de análise gramatical cujos principais objetivos são estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação entre as línguas naturais. Os primeiros estudos nesta área datam de 1993, com os trabalhos publicados por Prince e Smolensky e por McCarthy e Prince.

De acordo com Archangeli (1997), a OT oferece uma visão específica da natureza da relação entre as formas de *input* e de *output*, pois lida com tendências gerais, não com leis absolutas. Além disso, os padrões específicos linguísticos e a variação que ocorre entre as

³ O traço [ATR], do inglês *advanced tongue root* (raiz avançada da língua), marca o avanço da raiz da língua na produção de segmentos vocálicos.

línguas são admitidos dentro do modelo teórico através de violações. E a marcação é admitida no modelo porque cada violação de restrição indica uma marcação.

A OT apresenta várias noções bem definidas que contribuem para eleger o candidato ótimo da forma de superfície. As noções apresentadas são: marcação, fidelidade, violabilidade, dominação estrita, hierarquia de restrições e outras. Dentre essas noções, destaca-se a dominação estrita, que indica que a violação da hierarquia de restrições mais altas não pode ser compensada pela satisfação da hierarquia de restrições mais baixas. De acordo com esta definição há uma única hierarquia de restrições que deve ser observada e não há compensações a serem feitas. Será visto mais adiante que para representar os casos relacionados ao processo de harmonia vocálica e à variação linguística, é necessário recorrer a uma abordagem não clássica da teoria, que não considera integralmente a noção de dominação estrita.

Os componentes da Gramática OT são o léxico, o gerador e o avaliador. Segundo Archangeli (1997), a relação entre o *input* e o *output* é mediada por dois mecanismos formais, o gerador (*generator* – GEN) e o avaliador (*evaluator* – EVAL). O primeiro cria estruturas linguísticas e verifica suas relações de fidelidade com a estrutura subjacente. O segundo usa a hierarquia de restrições da língua para selecionar o melhor candidato entre todos criados. Além destes dois mecanismos, é necessário considerar também o conjunto universal de restrições (CON) no qual o avaliador usa o ranqueamento específico de restrições deste conjunto.

Segundo Archangeli (1997), as restrições caracterizam os universais. As violações das restrições caracterizam a marcação, os padrões específicos, que são o resultado da relação entre uma hierarquia de restrições e os *inputs* fornecidos pela língua específica, e a variação, que resulta das diferenças nos ranqueamentos de restrições selecionadas pelas línguas específicas.

De acordo com a autora, a OT contempla a gramática universal como um grupo de restrições que podem ser violadas e as gramáticas das línguas específicas como um ranqueamento particular destas restrições.

As restrições incluem duas grandes famílias, as restrições de marcação e as restrições de fidelidade. A família de restrições de marcação é importante para estabelecer em uma dada hierarquia de uma língua específica as diferenças na forma de *output* com relação à forma do *input*. Já a família de restrições de fidelidade aponta a semelhança entre o *input* e o *output*. As violações de fidelidade levam a diferenças entre estas formas.

A OT é uma teoria adequada para estudar os fenômenos relacionados à variação linguística, uma vez que considera a forma de superfície, o *output*. Entretanto, o principal desafio ao estudar a variação nesta teoria é que é necessário interferir em um de seus pilares, a dominação estrita. Quando se trata de variação, há mais de um candidato escolhido como ótimo.

Anttila (2002) afirma que, nos últimos anos, têm surgido várias tentativas para entender a variação linguística conforme a perspectiva da OT. Para explicar as formas que estão em variação e como elas ocorrem em uma dada língua, o autor sugere que se compreenda a fonologia de uma língua específica, pois a variação surge em ambientes onde as regularidades da língua estão em conflito. É necessário também investigar as alternâncias fonológicas e verificar se se comportam como obrigatórias ou opcionais.

A alternativa de análise considerada no presente estudo é o ranqueamento parcial de restrições, que mostra uma explicação da variação linguística conforme a OT partindo de uma abordagem não clássica da teoria.

Anttila e Cho (1998) investigam o papel da gramática na variação e mudança linguística. Segundo os autores, a variação reflete as interações entre competência e outros sistemas cognitivos, incluindo os sistemas sociais. E a mudança está relacionada a fatores externos como, por exemplo, o contato linguístico. É possível também atribuir a variação ao desempenho.

Segundo os autores, a OT, combinada com o ranqueamento parcial de restrições, permite exibir os fenômenos de invariância e variáveis na mesma estrutura e derivar as predições estatísticas. Combinando o ordenamento parcial com as restrições universais e as hierarquias de restrições é possível derivar as tipologias dos dialetos com variação dentro da abordagem OT.

A alternativa de análise da variação linguística apresentada por Anttila e Cho (1998) trata dos casos relacionados à co-fonologia, isto é, cada co-fonologia corresponde a uma hierarquia de restrições que seleciona seu próprio candidato ótimo pelo seu próprio ranqueamento estipulado. É possível também afirmar que há variação porque há várias gramáticas que competem na comunidade ou no indivíduo.

No caso específico do dialeto de Belo Horizonte, este será considerado como uma única gramática com vários ordenamentos parciais. Estes ordenamentos correspondem a cada processo fonológico envolvido na realização da vogal média em posição pretônica.

Especificamente sobre o processo de harmonia vocálica, é possível eleger as seguintes restrições para a explicação do fenômeno de acordo com o ranqueamento parcial de restrições.

(1) Restrições

- a) IDENT[alto, ATR]: Os traços [alto] e [ATR] do *output* devem ser idênticos aos do *input*.
- b) AGREE[ATR]: O traço [ATR] da vogal pretônica é idêntico ao da vogal em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte.
- c) AGREE[alto]: O traço [alto] da vogal pretônica é idêntico ao da vogal em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte.

As restrições ativas para esta análise partem da especificação dos traços vocálicos característicos para cada fonema presente no inventário do português brasileiro. Esta especificação é feita a partir dos traços [alto] e [ATR], que são suficientes para distinguir as vogais médias fechadas, [-alto, +ATR], das médias abertas, [-alto, -ATR]. Além disso, também distinguem as vogais altas como [+alto, +ATR]. Porém, não são suficientes para diferenciar as vogais médias abertas da vogal baixa. Este não será um problema, em nossa análise, porque as vogais médias abertas e a vogal baixa atuam de maneira semelhante para condicionar a realização da vogal média aberta em posição pretônica, ou seja, são segmentos especificados com o traço [-ATR], que é assimilado pela vogal pretônica.

A primeira restrição em (1) é uma restrição de fidelidade. É necessário estabelecer esta restrição para manter a forma do *output* fiel à forma do *input*. A restrição IDENT[alto, ATR] busca a semelhança em termos dos traços [alto] e [ATR] entre a forma de *input* e a de *output*. Também, distingue as vogais médias fechadas das vogais médias abertas, além de diferenciar as vogais médias das vogais altas.

A restrição de fidelidade garante que apenas as vogais médias fechadas ocorram em posição pretônica e preservem sua fidelidade ao *input*.

As demais restrições são de marcação, pois estão diretamente relacionadas ao processo de harmonia vocálica.

No caso da ocorrência da vogal média aberta, a harmonia vocálica é feita pelo traço [-ATR]. Este traço também engloba outro segmento vocálico, a vogal baixa. Neste caso, há uma concordância entre os segmentos que possuem o traço [-ATR]. Os resultados obtidos

mostram que a presença da vogal média aberta e da vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte é importante para a propagação do traço [-ATR] em posição pretônica.

No dialeto de Belo Horizonte, a palavra ‘projeto’ pode ser realizada de duas formas distintas, com a vogal média fechada ou com a vogal média aberta, caracterizando, neste último caso, o processo de harmonia vocálica. Assim, dois *tableaux* são necessários para esta representação.

Tableau 1: Mapeamento fiel: vogal média fechada, ‘pr[o]jeto’ IDENT[alto, ATR] » AGREE[ATR], AGREE[alto]

pr/o/jeto	IDENT[alto, ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]
☞ a.pr[o]jeto		*	
b.pr[ɔ]jeto	*!		
c.pr[u]jeto	*!	*	*

Tableau 2: Mapeamento infiel: harmonia vocálica – vogal média aberta, ‘pr[ɔ]jeto’ AGREE[ATR], AGREE[alto] » IDENT[alto, ATR]

pr/o/jeto	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	IDENT[alto, ATR]
a.pr[o]jeto	*!		
☞ b.pr[ɔ]jeto			*
c.pr[u]jeto	*!	*	*

O tableau 1 mostra que o candidato selecionado como ótimo é o candidato **a**, ‘pr[o]jeto’. O símbolo ☞ indica, no tableau, o candidato ótimo de acordo com a hierarquia de restrições apresentada. Este candidato é o único a não violar a restrição de fidelidade IDENT[alto, ATR]. Já no tableau 2, o candidato selecionado como ótimo é o candidato **b**, ‘pr[ɔ]jeto’, que não viola a restrição de marcação AGREE[ATR], posicionada acima da restrição de fidelidade.

Neste formato específico de variação, observa-se que apenas o posicionamento das restrições de marcação AGREE acima da restrição de fidelidade IDENT[alto, ATR] é que vai estabelecer o ranqueamento parcial próprio para a produção da vogal média aberta. Para obter

o candidato ótimo com a vogal média fechada é necessário o ranqueamento que corresponde ao mapeamento fiel, ou seja, IDENT[alto, ATR] » AGREE[ATR], AGREE[alto].

É importante ressaltar que entre as restrições de marcação AGREE não há relação de dominância, o que pode ser observado mediante a linha pontilhada que as separam. Outro aspecto a ser relatado é que cada restrição de marcação AGREE atua de modo específico para a realização da vogal média aberta e da vogal alta nos casos relacionados ao processo de harmonia vocálica. Neste caso específico, é a restrição AGREE[ATR] posicionada em uma posição superior na hierarquia que vai determinar a ocorrência da vogal média aberta. Com relação à produção da vogal alta, é a restrição AGREE[alto] que terá uma função maior.

O tableau 3 abaixo mostra a harmonia vocálica desencadeada pelo traço [-ATR] presente na vogal baixa em sílaba tônica, como na palavra ‘horário’.

Tableau 3: Mapeamento infiel: harmonia vocálica – vogal média aberta, ‘[ɔ]rário’
AGREE[ATR], AGREE[alto] » IDENT[alto, ATR]

/o/rário	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	IDENT[alto, ATR]
a.[o]rário	*!		
☞ b.[ɔ]rário			*
c.[u]rário	*!	*	*

Além do processo de harmonia vocálica pelo traço [-ATR] mostrado acima, outro caso de harmonia vocálica é apresentado no dialeto de Belo Horizonte, a harmonia pelo traço [alto].

Os casos relacionados à variação entre a vogal média fechada e a vogal alta por meio do processo de harmonia vocálica mostram que os mesmos ranqueamentos parciais apresentados acima são necessários.

Tableau 4: Mapeamento fiel: vogal média fechada, ‘p[e]squisa’ IDENT[alto, ATR] » AGREE[ATR], AGREE[alto]

p/e/squisa	IDENT[alto, ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]
☞ a.p[e]squisa			*
b.p[ɛ]squisa	*!	*	*
c.p[i]squisa	*!		

Tableau 5: Mapeamento infiel: harmonia vocálica – vogal alta, ‘p[i]squisa’
 AGREE[ATR], AGREE[alto] » IDENT[alto, ATR]

p/e/squisa	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	IDENT[alto, ATR]
a.p[e]squisa		*!	
b.p[ε]squisa	*!	*	*
☞ c.p[i]squisa			*

No caso específico do ranqueamento parcial para a escolha do candidato ‘p[i]squisa’, é importante observar que a restrição de marcação AGREE[ATR] é suficiente apenas para proibir que a vogal média aberta ocorra. No caso da proibição da vogal média fechada, é a restrição AGREE[alto] que está ativa. Assim, comprova-se que as restrições de marcação AGREE[ATR] e AGREE[alto] atuam em conjunto, ou seja, não há uma relação de dominância entre elas, mas cada uma tem uma função específica dentro da hierarquia de restrições com relação ao processo de harmonia vocálica pelo traço [ATR] ou pelo traço [alto].

A principal vantagem em considerar o ranqueamento parcial de restrições é a possibilidade de se estabelecer uma co-fonologia para cada caso variável encontrado na língua específica, podendo, assim, mostrar a opção do falante pela vogal média fechada ou pela vogal média aberta, ou ainda pela vogal alta, conforme cada produção da vogal em posição pretônica.

Considerações finais

A produção e a variação das vogais médias pretônicas nos nomes no dialeto de Belo Horizonte foram estudadas levando em consideração os fatores linguísticos e o processo de harmonia vocálica. Verificou-se que este processo tem como gatilho o traço [alto] presente em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte para a ocorrência da vogal alta em posição pretônica, e do traço [-ATR] para a ocorrência da vogal média aberta. Este último traço caracteriza as vogais médias abertas e a vogal baixa. Assim, é possível afirmar que a palavra ‘horário’, que pode ser pronunciada como ‘[ɔ]rário’, apresenta a harmonia vocálica pelo traço [-ATR].

A análise dos resultados também tomou como referência a Teoria da Otimalidade, mais especificamente o ranqueamento parcial de restrições, que mostra que a gramática de uma língua específica, como a do dialeto de Belo Horizonte, pode apresentar vários ranqueamentos parciais para explicar todos os candidatos em variação escolhidos como ótimos. Desta forma, há um ranqueamento parcial específico para cada candidato em variação.

Referências

ANTTILA, A. *Deriving variation from grammar: a study of Finnish genitives*. [S.l.]: Stanford University, 1995.

ANTTILA, A. Variation and phonological theory. In: CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell Publishers, 2002. cap. 8, p. 206-243.

ANTILLA, A.; CHO, Y. Y. Variation and change in Optimality Theory. *Lingua*, n. 104, p. 31-56, 1998.

ARCHANGELI, D. Optimality Theory: an introductory to linguistics in the 1990s. In: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. *Optimality theory: an overview*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997. cap. 1, p. 1-32.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 332 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Lingüística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, p. 9-29, jul./dez. 1992.

CALLOU, D.; LEITE, Y. Variação das vogais pretônicas. In: SIMPÓSIO-DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA, 1986. p. 157-169.

CASTRO, E. C. de. *As pretônicas na variedade mineira juizdeforana*. 1990. 306 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

LEE, S-H.; OLIVEIRA, M. A. de. Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica. In: DA HORA, D.; COLLISCHONN, G. *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 67-91.

MAGALHÃES, J. O. de. *Corpus do POBH* (Projeto Português de Belo Horizonte / norma culta). Belo Horizonte: LABFON/FALE/UFMG, 2000.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. Generalized alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. van. (Ed.). *Yearbook of morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 79-153.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. Boulder: Ms., Rutgers University, New Brunswick and University of Colorado, 1993.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português (roteiro de estudos e guia de exercícios)*. São Paulo: Contexto, 2001.

TRASK, R. L. *A dictionary of phonetics and phonology*. London: Routledge, 1996.

VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 1987. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. 185 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.